

Escrevendo com bombas: estilo e escrita em Friedrich Nietzsche diante de sua tarefa de transvaloração de todos os valores

Fernanda dos Santos Sodré¹

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar e tentar compreender a variação no estilo da escrita de Friedrich Nietzsche diante do que chamou de seu projeto de transvaloração de todos os valores. Consideramos que para uma tarefa definida por ele como aquela que “diz Não, que faz o Não”, Nietzsche teria inventado um estilo ainda mais ácido, ainda mais terrível frente aos seus inimigos. Neste sentido, buscaremos identificar o que seria a tarefa de transvaloração de todos os valores e de que maneira a agressividade imposta por este projeto não pode ser confundida com qualquer resquício de negatividade, ela é sim, para Nietzsche, uma mensagem alegre e criadora. Além disso, investigaremos seu estilo a partir de uma aliança que Nietzsche teria feito com a música em sua escrita para empreender um ritmo e tom capazes de comunicar toda agressividade que sua tarefa demandava.

Palavras-chave: estilo, escrita, transvaloração de todos os valores.

Writing with bombs: style and writing in Friedrich Nietzsche facing his task of transvaluing all values

Abstract: The purpose of this article is to analyze and try to understand the variation in Friedrich Nietzsche's writing style in the face of what he called his project of transvaluation of all values. We consider that for a task defined by him as one that “says No, that does No”, Nietzsche would have invented an even more acid style, even more terrible in the face of his enemies. In this sense, we will seek to identify what would be the task of transvaluating all values and how the aggressiveness imposed by this project cannot be confused with any remnant of negativity, it is, for Nietzsche, a joyful and creative message. In addition, we will investigate his style from an alliance that Nietzsche would have made with music in his writing to undertake a rhythm and tone capable of communicating all the aggressiveness that his task demanded.

Keywords: style, writing, transvaluation of all values.

Transvaloração de todos os valores

Para novos filósofos, não há escolha; para espíritos fortes e originais o bastante para estimular valorizações opostas e transvalorar e transtornar “valores eternos”, para precursores e arautos, para homens do futuro que atem no presente o nó, a coação que impõe caminhos novos à vontade de milênios. Ensinar ao homem o futuro do homem como sua vontade, dependente de uma vontade humana, e preparar grandes empresas e tentativas globais de disciplina e cultivo, para desse modo pôr um fim a esse pavoroso domínio do acaso e do absurdo que até o momento se chamou “história” - o absurdo do “maior número” é apenas sua última forma - : para isto será necessária, algum dia, uma espécie de filósofos e comandantes, em vista dos quais tudo o que já

¹ Doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: fernandassodre@yahoo.com.br .

houve de espíritos ocultos, terríveis, benévolos, parecerá pálido e mirrado. É a imagem em voz alta, ó espíritos livres? As circunstâncias que deveriam ser em parte criadas, em parte utilizadas para o seu surgimento, os presumíveis caminhos e testes, em virtude dos quais uma alma poderia crescer a uma altura e tal força que sentisse a obrigação dessas tarefas; uma transvaloração dos valores, sob cuja nova pressão e novo martelo uma consciência se tornaria brônzea, um coração se faria de aço, de modo a suportar o peso de uma tal responsabilidade; [...]²

Para Nietzsche, a tarefa de transvaloração de todos os valores³ está conectada com a tentativa de superação do homem, da condição rebaixada dele. É no próprio movimento de transvaloração que se poderia ensinar uma nova vontade no homem, uma vontade de futuro que escapa daquela vontade de nada oferecida como única saída para sua sobrevivência. A tarefa de transvalorar, acrescenta Nietzsche, não é uma tarefa fácil. Ela exige a elaboração de um novo corpo, forte o suficiente para suportar o peso de tal responsabilidade. Mas o peso desta tarefa não tira sua necessidade: pois, acrescenta, nada é mais doloroso do que presenciar o caminho tomado pelo “homem extraordinário” que, na modernidade, se extraviou de sua rota e se degenerou.

Ora, o que está em jogo é a criação de novos valores que permitam ao homem, por meio deste processo de criação, sair de sua condição degenerativa e conquistar para si algo que lhe dê um futuro, uma vontade de vida. Mas, alerta Nietzsche, como fazer uma transvaloração sem que isto esgote suas próprias forças? Como olhar para algo tão sombrio, para superá-lo, e não ser sugado por ele? A tarefa de transvaloração requer então precauções e responsabilidades na medida em que ela é uma tarefa que, apesar de sua dimensão criadora, possui um lado sombrio e destruidor.

Conservar a sua serenidade frente a algo sombrio, que requer responsabilidade além de toda medida, não é algo que exige pouca habilidade: e, no entanto, o que seria mais necessário do que a serenidade? Nada chega efetivamente a vingar, sem que a altivez aí tome parte. Somente um excedente de força é demonstração de força. - *Uma transvaloração de todos os valores*, este ponto de interrogação tão negro, tão monstruoso, que chega até mesmo a lançar sombras sobre quem o instaura - um tal destino de tarefa nos obriga a todo instante a correr para o sol, a sacudir de nós mesmos uma seriedade que se tomou pesada, por demais pesada. Qualquer meio para tanto é correto, qualquer "caso", um golpe de sorte. Sobretudo a guerra. A guerra sempre foi a grande prudência de todos os espíritos que se tornaram por demais ensimesmados, por demais profundos; a força curadora está no próprio ferimento. Uma sentença, cuja origem mantenho oculta frente à curiosidade douta, tem sido há muito meu lema: *increscunt animi, virescit volnere virtus* [Os espíritos crescem e a virtude floresce, à medida que é ferida]. Uma outra convalescença, que sob certas circunstâncias é para mim ainda mais desejável, consiste em auscultar os ídolos... Há mais ídolos do que

² NIETZSCHE, F. Além do bem e do mal, § 203.

³ A expressão transvaloração de todos os valores aparecerá, pela primeira vez, nos escritos publicados de Nietzsche em *Além do bem e do mal* (1886). No entanto, é somente em *Crepúsculo dos ídolos* (1888) e em *Ecce homo* que o conceito aparecerá atrelado a uma tarefa, sendo *O Anticristo* o primeiro livro desta tarefa.

realidades no mundo: este é o meu "mau olhar" em relação a esse mundo, bem como meu "mau ouvido"... Há que se colocar aqui ao menos uma vez questões com o martelo, e, talvez, escutar como resposta aquele célebre som oco, que fala de vísceras intumescidas - que encanto para aquele que possui orelhas por detrás das orelhas! - para mim, velho psicólogo e caçador de ratos que precisa fazer falar em voz alta exatamente o que gostaria de permanecer em silêncio... Também este escrito - o título o denuncia - é antes de tudo um repouso, um feixe de luz solar, uma escorregadela para o seio do ócio de um psicólogo. Talvez mesmo uma nova guerra? E novos ídolos são auscultados?... Este pequeno escrito é uma grande declaração de guerra; e no que concerne à ausculta dos ídolos, é importante ressaltar que os que estão em jogo, os que são aqui tocados com o martelo como com um diapasão, não são os ídolos em voga, mas os eternos; - em última análise, não há de forma alguma ídolos mais antigos, mais convencidos, mais insuflados... Também não há de forma alguma ídolos mais ociosos... Isto não impede, que eles sejam aqueles em que mais se acredita; diz-se também, sobretudo no caso mais nobre, que eles não são de modo algum ídolos... Turim, 30 de setembro de 1888, no dia em que chegou ao fim o primeiro livro da *Transvaloração de todos os valores*.⁴

No prólogo do *Crepúsculo dos ídolos*, ao descrever a principal característica deste escrito, Nietzsche afirma que ele é uma verdadeira declaração de guerra alinhada à sua tarefa de transvaloração de todos os valores, e que o intuito desta tarefa seria a crítica dos valores predominantes na cultura ocidental, desde as origens de determinado discurso filosófico com Sócrates e Platão até a modernidade. Em *Ecce homo*, ao comentar o *Crepúsculo dos ídolos*, afirma que, o que no título se chama ídolo, foi o que até agora se denominou verdade. É desta maneira que, para Nietzsche, *Crepúsculo dos ídolos* é um adeus à velha verdade. Sua pretensão, naquele momento, era tocar toda "idealidade". Não só os ídolos eternos, mas também os mais jovens, como por exemplo as ideias modernas. Assim, veremos um ataque direto à tradição de pensamento metafísico como também às suas mais variadas aparições, sejam elas de ordem filosófica, moral, religiosa ou científica.

Filosofar com o martelo, imagem perturbadora criada por Nietzsche para dizer que sua filosofia é aquela que ao mesmo tempo que cria - o martelo é instrumento do escultor - é também aquela que destrói. Cria e destrói, como uma martelada, através de um golpe implacável. Dito isto, fazer perguntas com o martelo é tocar em tudo o que existe para poder ouvir como resposta o som da espécie de vida que ali se manifesta - sua fisiologia. Por isto fala em auscultar ídolos, ou seja, ouvir os sons internos de seus corpos. Esta imagem é bastante próxima da genealogia e, não por acaso, no decorrer dos capítulos, o autor realiza um procedimento genealógico nos chamados "ídolos".

Aqui também Nietzsche chama atenção para o lado "sombrio" trazido pela tarefa de transvaloração. Aquele que deseja instaurá-la deveria, antes de tudo, criar mecanismos de proteção para tudo o que de sombrio poderá surgir daí. Sacudir e se

⁴ NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos ídolos*, "Prólogo".

expor ao sol, diz, pode ser adequado para aquele que deseja realizar tal tarefa. Mas o que isso significa?

A precaução frente a todo idealismo diz respeito à maneira pela qual se “olha” para ele, o modo como se “ausculta” sem ser seduzido a recorrer aos mecanismos pelos quais dominam o conhecimento; pela seriedade, pela vontade de verdade, por exemplo. Assim, a guerra aparece como um mecanismo de precaução adequado para lidar com os “ídolos”. Veremos como a destruição e a agressividade podem ser aliadas à tarefa de transvaloração de todos os valores sem que isso represente uma negatividade.

Nietzsche, ao se intitular mensageiro alegre, quer afirmar que a destruição vem acompanhada de uma criação, que, na verdade, é primeira. Para ele, *Crepúsculo dos ídolos* é uma declaração de guerra totalmente positiva e criadora. Mesmo diante de um trabalho sombrio mantêm sua jovialidade e é por isso que chama a referida obra de fatal, alegre no tom, comparando-a a um demônio que ri.

[...] e quem um criador quiser ser no bem e no mal, deverá ser primeiro um destruidor, e despedaçar valores. Assim o mal maior é próprio do maior bem: este porém é o criador. Eu sou, no mínimo, o homem mais terrível que até agora existiu; o que não impede que eu venha a ser o mais benéfico. Eu conheço o prazer de destruir em um grau conforme à minha força para destruir — em ambos obedeco à minha natureza dionisíaca, que não sabe separar o dizer Sim do fazer Não. Eu sou o primeiro imoralista: e com isso sou o destruidor par *excellence*.⁵

A destruição como ponte para uma criação foi o que Deleuze, em *Nietzsche e a filosofia*, chamou de destruição ativa. Deleuze fala de uma destruição que, por imposição da força ativa, se converte em criação. É por isso que ele chama a atenção para o fato de que existe uma conversão e não uma reconciliação dos contrários, pois a aliança entre as forças reativas e a vontade de nada é rompida e se converte em potência de afirmar e que, por fim, destrói as próprias forças negativas.

Segundo Deleuze, a transvaloração de todos os valores seria uma tarefa totalmente afirmativa e criativa. A destruição se converteria em criação que a ela está atrelada. Não se destruiriam os valores dominantes para deixar um vazio. Também não se trata de uma crítica que se daria em nome de um valor verdadeiro ainda encoberto. Trata-se da destruição e da crítica como aspectos necessários de uma tarefa que pretende antes de tudo ser criadora de novos valores.

Enquanto imoralista, Nietzsche reconhece e positiva sua natureza destruidora. A tarefa de destruição, ainda que terrível, seria também a mais benéfica, pois não se trata

⁵ NIETZSCHE, F. *Ecce homo*, “Por que sou um destino”, § 2.

de salvar o homem melhorando-o, mas de destruir todos os pressupostos aos quais até então ele se manteve ligado e em função dos quais sobreviveu de maneira fraca. Mais uma vez é importante ressaltar que, para Nietzsche, esta destruição é totalmente criadora e afirmativa e se mantém pelo prazer em destruir a partir de uma dureza própria dos criadores. Em *Ecce homo*, afirma que: “entre as precondições para uma tarefa *dionisíaca*, é decisiva a dureza do martelo, o *prazer mesmo no destruir*. O imperativo 'tornai-vos duros!', a mais básica certeza de que *todos os criadores são duros*, é a verdadeira marca de uma natureza dionisíaca”⁶.

No *Ecce homo* existem outras passagens em que Nietzsche relaciona Dioniso a um aspecto destruidor próprio dos criadores. Ele também realiza uma aproximação, nestas passagens, entre Zaratustra e Dioniso. Haveria uma proximidade no que diz respeito à tipologia: ambos pertenceriam a um tipo psicológico dos criadores que necessitam negar o que até então se colocou como superior e estimado, sem que isto seja um gesto negativo.

O problema psicológico no tipo do Zaratustra consiste em como aquele que em grau inaudito diz Não, faz Não a tudo a que até então se disse Sim, pode no entanto ser o oposto de um espírito de negação; como o espírito portador do mais pesado destino, de uma fatalidade de tarefa, pode no entanto ser o mais além e mais leve – Zaratustra é um dançarino - : como aquele que tem a mais dura e terrível percepção da realidade, que pensou o “mais abismal pensamento”, não encontra nisso entretanto objeção alguma ao existir, [...] - antes uma razão a mais para *ser ele mesmo* o eterno Sim a todas as coisas, “o imenso e ilimitado Sim e Amém”... “A todos os abismos levo a benção do meu Sim”... *Mas esta é a ideia do Dioniso mais uma vez*.⁷

Zaratustra e Dioniso seriam tipos opostos ao espírito de negação. Mesmo a árdua tarefa de destruição e a percepção terrível da realidade não conseguiriam torná-los pesados. São leves o suficiente para sustentar seu destino e dizer Sim a todas as coisas. Mas, como vimos até aqui, se a destruição na obra de Nietzsche possui uma conotação ressentida ligada ao fraco, como ela poderia estar conectada a Dioniso e Zaratustra?

A diferença entre a destruição do fraco e a destruição do forte se dá em relação à capacidade de afirmar que só seria possível mediante a um excesso de força. Em *A gaia ciência*, Nietzsche distingue dois tipos de destruidores. O anseio por destruição, diz ele: “pode ser expressão da energia abundante, prenhe de futuro (o termo que uso para isso é, como se sabe, 'dionisíaco'), mas também pode ser ódio do malogrado, desprovido, mal favorecido, que destrói, *tem* que destruir, porque o existente, mesmo toda a existência,

⁶ NIETZSCHE, F. *Ecce homo*, “Assim falou Zaratustra”, § 8.

⁷ Ibidem, § 6.

todo o ser o revolta e o irrita”⁸. Deste modo, a destruição fraca estaria relacionada a uma negação que vem do ressentimento experimentado. Já a destruição do forte se daria por uma afirmação na medida em que ele se encontra pleno de suas forças. É a afirmação que permitiria modificar a qualidade da destruição. A destruição ativa vem da capacidade de criação do excesso de força que explode toda reatividade.

Ainda sobre o papel do negativo, em *Ecce homo*, diz que sua palavra imoralista traz consigo duas negações⁹. A primeira seria a negação do tipo fraco que se colocou como elevado; a segunda seria a negação da moral decadente na qual o tipo fraco consegue se manter como superior.

No fundo, são duas as negações que a minha palavra *imoralista* encerra. Eu nego, por um lado, um tipo de homem que até agora foi tido como o mais elevado, os *bons*, os *benévolos*, os *benéficos*; nego, por outro lado uma espécie de moral que alcançou vigência e domínio moral de si – a moral de *décadence*, falando de modo mais tangível, a moral *cristã*. Seria legítimo ver a segunda contestação como a mais decisiva, pois a superestimação da bondade e da benevolência já me parece, de modo geral, consequência da *décadence*, sintoma de fraqueza, incompatível com uma vida ascendente e afirmadora: o negar *e o destruir* são condições para o afirmar.¹⁰

Nietzsche considera mais importante a negação da moral decadente porque é ela que sustenta o tipo fraco incompatível com o tipo forte. Mas a negação da moral decadente só se faz com a afirmação de uma vida ascendente. Dito de outra maneira: a destruição de toda espécie de reatividade seria condicionada pela afirmação de uma vida plena. A destruição, neste caso, expulsaria todo o negativo e seria consequência da sua afirmação. Somente para o fraco a negação e a destruição são primeiras e se colocam como condições para o afirmar.

A natureza afirmativa do forte, apenas indiretamente e involuntariamente, tem a ver com a destruição, com a crítica. A afirmação para o nobre é sempre primeira e o Não é apenas efeito de sua afirmação. É por isto que Nietzsche diz em *Além do bem e do mal* - retomando a ideia da crítica pensada por ele como criação - que filósofos do futuro não dispensarão o prazer em dizer Não¹¹ e também em serem críticos, mas esta não seria a

⁸ NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*, § 370.

⁹ Sobre este ponto, Deleuze, em *Nietzsche e a filosofia*, afirma: “Para ele, são necessárias duas negações para fazer uma afirmação, isto é, uma aparência de afirmação, um fantasma de afirmação. (Assim, o ressentimento precisa de suas duas premissas negativas para concluir a pretensa positividade de sua consequência. Ou o ideal ascético precisa do ressentimento e da má consciência como de duas premissas negativas para concluir sua pretensa positividade do divino. Ou a atividade genérica do homem precisa duas vezes do negativo para concluir a pretensa positividade das reapropriações)” (DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia*, p. 228).

¹⁰ NIETZSCHE, F. *Ecce homo*, “Por que sou um destino”, § 4.

¹¹ NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal*, § 210.

principal tarefa deles. Eles seriam antes de tudo criadores, pois a tarefa do filósofo “exige que ele crie valores.”¹²

Talvez então a tarefa de transvaloração de todos os valores seja fruto de sua tarefa do exercício de sua genealogia, da tomada da filosofia como uma sintomatologia. Nietzsche, quando assume uma potência de médico da civilização, enxerga o mundo moderno como um mundo extremamente doente. Mas, como médico da civilização, Nietzsche teria receitado um remédio para a cura do mundo moderno? A resposta é negativa. Ele se recusava a pensar em termos de “reforma” rumo a uma melhora da humanidade. Acontece que os valores modernos não poderiam ser melhorados, pois o valor deles estava comprometido com o tipo de vida que os teria criado. A estratégia de Nietzsche é, então, contestar o valor desses valores avaliando-os a partir da vida. A estes valores criados por uma vida doente dominante na modernidade

Em *Nietzsche e a filosofia*, Deleuze declara que a agressividade do forte está conectada ao negativo¹³. Mas este negativo viria apenas como conclusão e consequência de um poder de afirmar. Deleuze ainda faz uma distinção entre a agressividade do forte e o ressentimento do fraco. Para ele, Nietzsche teria se esforçado em distinguir estas duas características para realçar o abismo que existe entre elas do ponto de vista de suas naturezas e de seus funcionamentos. Se para o ressentido seria necessárias duas negações para a afirmação: “conceber um não-eu para depois se opor a este não-eu e enfim se colocar como eu”¹⁴, para o forte o negativo seria apenas conclusão da afirmação: “Eu sou bom, portanto, você é ruim”. Esta conclusão negativa seria apenas um acessório, um complemento sem grande importância.

É por isto que não podemos entender a tarefa de transvaloração de todos os valores como sendo uma dialética¹⁵, porque o papel do negativo nela seria secundário, fruto de uma afirmação. O *Não* da transvaloração só aparece como resultante de um

¹² Ibidem, § 211.

¹³ DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia*, p. 180.

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ Sobre o papel do negativo na obra de Nietzsche e a maneira pela qual não podemos confundir-lo com uma dialética, Deleuze em *Nietzsche e a filosofia* escreve: “Além disso devemos perguntar: o que quer o próprio dialético? O que quer esta vontade que quer a dialética? Uma força esgotada que não tem força para afirmar sua diferença, uma força que não age mais, e sim reage às forças que a dominam; só uma força assim faz passar o elemento negativo para o primeiro plano em sua relação com o outro, ela nega tudo que ela não é e faz, desta negação, sua própria essência e o princípio de sua existência. ‘Enquanto a moral aristocrática nasce de uma triunfal afirmação de si mesma, a moral dos escravos é, desde o início, um não ao que não faz parte dela, ao que é diferente dela, ao que é seu não-eu; e o não é seu ato criador’. Por isso Nietzsche apresenta a dialética como a especulação da plebe, como a maneira de pensar do escravo: o pensamento abstrato da contradição prevalece sobre o sentimento concreto da diferença positiva, a reação sobre a ação, a vingança e o ressentimento tomam o lugar da agressividade. E, inversamente, Nietzsche mostra que o negativo no senhor é sempre um produto secundário e derivado de sua existência” (DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia*. p. 19).

Sim. Ora, basta retomarmos aquelas distinções entre o nobre e o escravo já apresentadas aqui. Vimos como o forte afirma a si mesmo em sua própria diferença e, em decorrência disto, aquilo que não estivesse à sua altura seria desprezado. Já o fraco, por não conseguir afirmar sua própria diferença, precisava negar o outro para então poder se afirmar. Esta forma pela qual o fraco constitui sua existência nada mais é do que uma reação à diferença quando toma a negação como forma de agir, que faz desta negação sua essência. O fraco não pode aguentar outra natureza, diferente de si, saudável e superior. Ele a nega e através dessa negação se constitui. O crime que o fraco condena no forte será, justamente, o fato deste último não ser como o fraco, não ser igual. É movido por um princípio de identidade e homogeneidade que a negação do fraco é determinada. Ele precisa de uma diferença, mas para lamentar que exista. O fraco, sem dúvida, está assentado sob a forma: “eu sou bom porque sou diferente de você”. Mas isso significa, também, dizer: “você é ruim porque é diferente de mim”. A constatação da diferença está, sempre, a serviço de um descontentamento. Para o fraco, e nisso consiste sua fraqueza, as coisas poderiam ser de outro modo. O forte, digamos assim, poderia ser igual ao fraco. Poderia não ser diferente.

Nota-se, de outra maneira, que a negação do forte necessita da sustentação radical de uma heterogeneidade irreduzível, de uma diferença que não pode ser apagada. É uma diferença que não é uma oposição. E, sobretudo, é uma diferença que não está sendo pejorativada em nome de uma igualdade. O forte não deseja que o fraco seja igual a ele. A diferença, assim, deve permanecer, como uma distância e como fruto de um desprezo.

É toda essa necessidade do fraco de negar algo para afirmar algo que faz com que a dialética seja o próprio ponto de vista do escravo e, como diz Nietzsche, ela serviria à “plebe” como uma arma do fraco. É neste sentido que vai afirmar em *Ecce homo* que a dialética é um sintoma de decadência¹⁶. Transvalorar é uma atividade oposta a uma dialética, pois a negação não ativa nenhum movimento. É, no máximo, efeito de um Sim transbordante, “dionisíaco”. Uma destruição não dialética, uma negação não opositiva e ressentida é o que encontramos no ato de transvalorar.

Mas *quem* e o que o forte agride? Qual seria seu grande inimigo? Para Nietzsche, o forte só faz guerra a algo grandioso, aquilo que ele despreza não precisaria ser atacado. É assim que Nietzsche justifica seu ataque ao cristianismo e à moral decadente e não aos cristãos e aos indivíduos fracos.

¹⁶ NIETZSCHE, F. *Ecce homo*, “Por que sou tão sábio”, § 1.

Outra coisa é a guerra. Sou por natureza guerreiro. Agredir é parte dos meus instintos. Poder ser inimigo, ser inimigo - isso pressupõe talvez uma natureza forte de qualquer modo, é em todo caso condição de uma natureza forte. Ela necessita de resistências, *portanto* busca a resistência: o *pathos agressivo* está ligado tão necessariamente à força quanto os sentimentos de vingança e rancor à fraqueza. [...] A força do agressor tem na oposição de que precisa uma espécie de medida; todo crescimento se revela na procura de um poderoso adversário – ou problema: pois um filósofo guerreiro provoca também os problemas ao duelo.¹⁷

O ataque que Nietzsche prepara através de sua filosofia não pretende atingir pessoas, mas sim o que ele chama de “causas vitoriosas”¹⁸. Sendo assim, o que venceu? Para falar das “causas vitoriosas” de que Nietzsche foi inimigo e se colocou como adversário, utilizaremos algumas proposições presentes na terceira consideração intempestiva: *Schopenhauer educador*, na medida em que podemos extrair deste texto um verdadeiro diagnóstico da filosofia e de quem ou o quê ela deve atingir.

Para nós, a principal problemática que envolve este texto é a relação da educação com a filosofia e o Estado. A concepção acerca da educação está, neste escrito, em relação direta com a ideia de formação de si. Esta ideia apresentada por Nietzsche é oposta à concepção de educação que vence na modernidade. Se na modernidade a educação é pensada majoritariamente como etapa pela qual o indivíduo passa rapidamente para logo ganhar dinheiro ou para fins de erudição, a educação proposta por Nietzsche seria um processo singularizante de constituição de si mesmo, buscando extirpar aquilo que ensinaram como sendo valioso e descobrindo um novo ciclo de deveres - tarefa somente conquistada com a solidão.

Nietzsche teria enxergado em Schopenhauer a figura do educador com quem se pode aprender a ser solitário, uma vez que ele nos educa contra seu tempo¹⁹. Em sua visão, o grande homem seria o verdadeiro filho de seu tempo, no entanto, ele sofreria as mazelas de seu tempo de maneira mais intensa do que os homens medíocres. E, por sentir estas mazelas, ele combateria seu tempo. Alguns poderiam dizer que é um verdadeiro absurdo este homem combater seu próprio tempo já que ele pode voltar-se contra si mesmo. Na verdade, conclui, o que este homem combate seria justamente aquilo que o impede de ser grande, de ser livre²⁰.

Ora, esta falta de liberdade teria afetado também a filosofia. Nietzsche considera que é no momento que a filosofia se atrela ao Estado que ela perde sua liberdade e

¹⁷ Ibidem, § 7.

¹⁸ Ibidem.

¹⁹ Ibidem, *Schopenhauer educador*, § 4.

²⁰ Ibidem, § 3.

também toda a sua potência. Em sua visão, o Estado moderno teria sido o grande incentivador da filosofia, mas de que maneira teria ocorrido este fomento?

Assim considera, também, que o incentivo dado à filosofia pelo Estado se deu de maneira limitadora, pois consistiu em permitir que apenas um certo número de homens vivesse de filosofia ao fazer dela seu ganha-pão. A estratégia do Estado estaria em vincular-se ao maior número de filósofos possíveis para transmitir o paradigma de que a filosofia estaria ao seu lado. Trazer os filósofos para o seu lado seria uma forma de se valer destas filosofias e afastar o medo inspirado pelas filosofias ainda não capturadas pelo Estado.

Para Nietzsche, o momento em que a filosofia se atrela ao Estado é o momento de perda de liberdade. Em primeiro lugar, porque seria o Estado o responsável por selecionar e determinar quem são os filósofos “bons” e os filósofos “maus” ao encarregar apenas os “bons” para lotar os quadros da universidade para suprirem suas disciplinas acadêmicas. Em segundo lugar, o Estado obrigaria a permanência do filósofo em um lugar determinado ao fixar sua atividade de instrução diária, forçando-o a um movimento de repetição próprio das aulas, em que a criação seria constantemente sufocada. Por último, a filosofia nas grades universitárias se transformaria apenas em história da filosofia servindo principalmente como ferramenta de erudição.

Toda esta adequação da filosofia ao Estado teria representado para Nietzsche uma verdadeira domesticação. O momento em que a filosofia serve ao Estado e à opinião pública é o momento mais vergonhoso de sua história porque ela se torna uma “coisa ridícula”²¹ quando deveria ser uma “coisa terrível”²². Nietzsche desenvolve a ideia de que o caráter terrível da filosofia deveria vir de pensamentos perigosos, criados para afligir. É por isto que ele afirma que seria preciso escrever como epitáfio na tumba da filosofia universitária: “Ela não afligiu ninguém”²³.

Interessante ressaltar a mediação ou, talvez, o papel fundamental da educação para efetuar esta domesticação, esta subordinação da filosofia ao Estado. Por quê? A educação aparece aí como o âmbito, por excelência, de produção daqueles que irão viver em uma certa sociedade. A educação é o processo em que se deverá permitir ou não certificar aqueles que estão de acordo com os valores de tal sociedade. A tarefa, assim, da filosofia, consistiria em reproduzir os valores estabelecidos. E, talvez, até mais: regimentá-los, fundamentá-los, propagandear-los, defendê-los, no ato mesmo em que os reproduz.

²¹ *Ibidem*, § 8.

²² *Ibidem*.

²³ *Ibidem*.

Eis porque isto parece, aos olhos de Nietzsche, algo tão empobrecedor. Como a potência da filosofia de criação de novos valores poderia se efetuar em uma tal situação? A filosofia jamais, como ressaltará Deleuze, deve servir ao seu tempo, aos valores estabelecidos e, muito menos, à reprodução destes. É na recusa desta reprodução, na negação destes valores, negação derivada da visão e da criação de novos valores, que Deleuze escrevia:

Quando alguém pergunta para que serve a filosofia, a resposta deve ser agressiva, porque a pergunta pretende-se irônica e mordaz. A filosofia não serve nem ao Estado nem à Igreja, que têm outras preocupações. Não serve a qualquer poder estabelecido. A filosofia serve para afligir. A filosofia que não aflige ninguém e não contraria ninguém não é uma filosofia. Serve para atacar o disparate, faz do disparate qualquer coisa de vergonhoso. Tem apenas um único uso: denunciar a baixeza do pensamento sob todas as suas formas. [...] Fazer, finalmente, do pensamento qualquer coisa de agressivo, de ativo e de afirmativo.²⁴

A agressividade da filosofia para Deleuze estaria ligada à capacidade que ela possui de denunciar todas as mistificações, sempre se colocando contra seu tempo, criando conceitos que não são nem eternos, nem históricos, mas sempre intempestivos e inatuais. Foi também pensando neste caráter necessariamente intempestivo do filósofo que Nietzsche afirmou a importância de afastar-se das influências de seu tempo.

Mas como conquistar a liberdade tão desejada por Nietzsche, como promover uma autoformação que não passaria pelo Estado e suas obrigações? Para ele, as condições necessárias ao ressurgimento do filósofo em seu estado mais potente estariam na “liberdade viril do caráter, conhecimento precoce dos homens, educação que não visa a formação do erudito, ausência de qualquer estreiteza patriótica, de qualquer obrigação de ganhar seu pão e de obediência ao Estado”²⁵.

Podemos dizer então que Nietzsche pensa a filosofia, para falar em um termo deleuze-guattariano, como uma máquina de guerra. Eles mesmos chegam até a estabelecer esta relação a partir da colocação de uma questão relevante: não seria risível falar em uma agressividade da filosofia, do pensamento?

De certa maneira, poderia dizer-se que isto não tem muita importância, e que a gravidade do pensamento sempre foi risível. Porém, ela só pede isso: que não seja levada a sério, visto que, dessa maneira, seu atrelamento pode tanto melhor pensar por nós, e continuar engendrando novos funcionários; e quanto menos as pessoas levarem a sério o pensamento, tanto mais pensarão conforme o que quer um Estado.²⁶

²⁴ DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia*, p. 159.

²⁵ NIETZSCHE, F. *Schopenhauer educador*, § 8.

²⁶ DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs*, volume 5, p. 46.

E, continuam Deleuze e Guattari, não é o âmbito privado que se opõe ao Estado. Não é o recolhimento na individualidade que sustentará algo distinto da sociedade. O professor, o funcionário público, não será destruído em favor de um pensador privado. Pois, certamente, tratam-se de alternativas complementares. A formação de si, a autoformação, a prática da solidão, não deve ser entendida como a reclusão, o isolamento. Ao contrário é ela que está conectada, e só pode ela estar, com uma infinidade de elementos, entidades, forças e, sobretudo, valores, que instalam novas possibilidades de vida. É essa filosofia que

entra em choque com contra-pensamentos, cujos atos são violentos, cujas aparições são descontínuas, cuja existência através da história é móvel. São os atos de um "pensador privado", por oposição ao professor público: Kierkegaard, Nietzsche, ou mesmo Chestov... Onde quer que habitem, é a estepe ou o deserto. Eles destroem as imagens. Talvez o *Schopenhauer educador* de Nietzsche seja a maior crítica que se tenha feito contra a imagem do pensamento, e sua relação com o Estado. Todavia, "pensador privado" não é uma expressão satisfatória, visto que valoriza uma interioridade, quando se trata de um pensamento do fora. Colocar o pensamento em relação imediata com o fora, com as forças do fora, em suma, fazer do pensamento uma máquina de guerra, é um empreendimento estranho cujos procedimentos precisos pode-se estudar em Nietzsche (o aforismo, por exemplo, é muito diferente da máxima, pois uma máxima, na república das letras, é como um ato orgânico de Estado ou um juízo soberano, mas um aforismo sempre espera seu sentido de uma nova força exterior, de uma última força que deve conquistá-lo ou subjugá-lo, utilizá-lo). Há também uma outra razão pela qual "pensador privado" não é uma boa expressão: pois, se é verdade que esse contra-pensamento dá testemunho de uma solidão absoluta, é uma solidão extremamente povoada, como o próprio deserto, uma solidão que já se enlaça a um povo por vir, que invoca e espera esse povo, que só existe graças a ele, mesmo se ele ainda falta... Todo pensamento é já uma tribo, o contrário de um Estado [...] a forma de exterioridade do pensamento — a força sempre exterior a si ou a última força, a enésima potência — não é de modo algum uma outra imagem que se oporia à imagem inspirada no aparelho de Estado. Ao contrário, é a força que destrói a imagem e suas cópias, o modelo e suas reproduções, toda possibilidade de subordinar o pensamento a um modelo do Verdadeiro, do Justo ou do Direito (o verdadeiro cartesiano, o justo kantiano, o direito hegeliano, etc).²⁷

É nessa direção que o material explosivo da filosofia representa um verdadeiro perigo para os valores estabelecidos e tudo que até então foi estimado. A tarefa de transvaloração de todos valores, a partir de seu *pathos* agressivo, se dirige contra o que se estabeleceu como sendo filosofia. Poderíamos dizer, talvez, que ela é uma tarefa que se dirige contra a própria filosofia. A tarefa de transvaloração rompe com a filosofia atrelada ao Estado, à moral ou à religião judaico-cristã. Daí compreende-se a distância de Nietzsche daquilo que se considera ser “filósofo” - até mesmo Kant e Schopenhauer são colocados ao lado dos “ruminantes acadêmicos”. Em *Ecce homo*, por isso,

²⁷ DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs*, volume 5, p. 46-47.

Nietzsche admite que não é de Schopenhauer, mas de Nietzsche como educador, que o texto trata.

De que modo entendo o filósofo, como um terrível corpo explosivo diante do qual tudo corre perigo, de que modo tanto distancio meu conceito de filósofo que inclui até mesmo um Kant, para não falar dos ruminantes acadêmicos e outros professores de filosofia: sobre isso esse trabalho dá inestimável ensinamento mesmo concedendo que no fundo não é “Schopenhauer como educador”, porém seu oposto, “Nietzsche como educador” que assume a palavra.²⁸

Quando procuramos em *Schopenhauer como educador* aquilo que Nietzsche considera ser a atividade da filosofia, é porque existe aí uma ideia que está intimamente conectada à “afirmação do fluir e do destruir: o dizer sim à oposição e à guerra”, de uma transvaloração de todos os valores. É a ideia mesma de agressividade, de combate e guerra. Só assim a filosofia consegue sair de um regime vergonhoso de adestramento para reconquistar aquilo que lhe é mais valioso: a criação.

Ora, o que está em jogo na realização da transvaloração de todos os valores é a criação, não para substituir ou renovar os valores, mas a exigência de criação de novos valores que não perdessem sua capacidade de se recriar. Sobre isto, Deleuze comenta algo muito importante. Para ele, transmutar não significaria uma mera mudança de valores, mas transmutar seria, na verdade, uma mudança no elemento do qual deriva o valor dos valores.

Em *Nietzsche e filosofia*, Deleuze, na sua leitura da transvaloração nietzschiana, afirma que a grande mudança estabelecida na transvaloração de todos os valores é o elemento do qual deriva o valor dos valores. Agora, os valores não derivariam mais da negação. A negação como princípio de avaliação dos valores é subtraída, sendo a afirmação a nova qualidade da vontade de potência. Mas, pontua Deleuze, mesmo sem ser um princípio de avaliação, a negação não desaparece e sucumbe no vazio. O que acontece aí é uma *conversão do elemento na vontade de potência*: o negativo se subordina à afirmação e se torna potência de afirmar. “A negação não é mais a forma sob qual a vida conserva tudo o que é reativo nela, mas, ao contrário, o ato pelo qual ela sacrifica todas as suas formas reativas”²⁹. Por fim, determinando um novo sentido para a negação, a afirmação constitui um devir ativo como devir universal das forças. Com a negação das forças reativas, todas as forças se tornam ativas. “A subversão dos valores,

²⁸ NIETZSCHE, F. *Ecce homo*, “As Extemporâneas”, § 3.

²⁹ DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia*, p. 223.

a desvalorização dos valores reativos e a instauração de valores ativos, são operações que supõem a transmutação dos valores, a conversão do negativo em afirmação”³⁰.

Ora, se conhecíamos a vontade de potência pela negatividade, da vontade de nada, com a transvaloração haveria chegado o momento de experimentar algo que ainda não conhecemos - a chamada “alegria desconhecida”. Temos que conhecer, afirma Deleuze, “a ‘outra face’ da vontade de potência, a face desconhecida, a outra qualidade da vontade de potência, a qualidade desconhecida: a afirmação”³¹.

A afirmação não pode ser confundida com uma simples aceitação, como um sim que na verdade advém de uma incapacidade de dizer Não. Um sim em que a afirmação não passa de um carregar, um assumir. Em *Assim falou Zaratustra*, na seção “Das três metamorfoses”, o camelo representa bem o que seria essa “afirmação” que na verdade é um eterno carregar dos fardos vinda da incapacidade de dizer Não. “Todas essas coisas mais que pesadas o espírito resistente toma sobre si: semelhante ao camelo que rumo carregado para o deserto, assim rumo ele para o seu deserto.”³²

Então, afirmar não é carregar, não é assumir fardos, resignar-se. Ao contrário, afirmar é “liberar e descarregar o que vive”. Afirmar não é assumir os valores dominantes que sobrecarregam a vida. Afirmar é criar novos valores conectados a uma vida alegre e ativa.

Escrevendo com bombas

A tarefa para os anos seguintes estava traçada da maneira mais rigorosa. Depois de resolvida a parte de minha tarefa que diz Sim, era a vez da sua metade que diz Não, que faz o Não: a transvaloração mesma dos valores existentes, a grande guerra — a conjuração do dia da decisão.³³

Ainda que Nietzsche considere a segunda metade da sua obra como a realização da tarefa de transvaloração - a parte que diz Não – ela só pôde ser realizada depois do Sim que ele teria construído nos livros anteriores, isto é, até *Além do bem e do mal*. Desse modo, por mais que Nietzsche considerasse seus últimos escritos como sendo a realização mesma da transvaloração, isso só pôde assim se configurar mediante seu esforço dos anos iniciais. Mas acontece que a agressividade empregada em sua escrita foi tão bem-sucedida que, Widmann, em uma resenha para *Além do bem e do mal*, viu em sua escrita, conforme descreve Janz, “como o vagão que transportou dinamite usado

³⁰ Ibidem.

³¹ Ibidem, p. 220.

³² NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. “Das três metamorfoses”, p. 27-28.

³³ NIETZSCHE, F. *Ecce homo*, “Além do bem e do mal”, § 1.

para a construção do Túnel de São Gotardo, atravessando vales habitados por pessoas que de nada suspeitavam, e que ostentava uma bandeira negra para alertar à carga explosiva”³⁴. Sobre o modo como compreende seu estilo, Nietzsche escreve em *Ecce homo*.

Direi ao mesmo tempo uma palavra geral sobre minha *arte do estilo*. *Comunicar* um estado, uma tensão interna de *pathos* por meio de signos, incluído o *tempo* desses signos – eis o sentido de todo estilo; e considerando que a multiplicidade de estados interiores é em mim extraordinária, há em mim muitas possibilidades de estilo – a mais multifária arte do estilo de que um homem já dispôs. *Bom* é todo estilo que realmente comunica um estado interior, que não se equivoca nos signos, no *tempo* dos signos, nos *gestos* – todas as leis do período são arte dos gestos.³⁵

Com a arte do estilo, Nietzsche compreende um trabalho estilístico da linguagem de maneira que ela possa exprimir os afetos e ultrapasse seu registro mais ordinário de comunicação. Toda questão é fazer da escrita um meio que “comunique” uma tensão interior. Se iremos aqui privilegiar a análise de um estilo agressivo na escrita de Nietzsche ligado à sua tarefa de transvaloração de todos os valores, isto não quer dizer que este seja o único estilo sustentado por ele. Como ele mesmo diz, a multiplicidade de seus estados interiores reflete na sua multifária arte do estilo. A escrita de Nietzsche se aproxima da arte, mais especificamente da música. A hipótese que gostaríamos de formular é a seguinte: a música ensina uma *finesse* no que diz respeito à hierarquia de valores, de determinações do que e como importa, cada coisa que é dita. Através do tempo, dos procedimentos rítmicos, sobretudo, é possível dominar as técnicas de composição dos afetos. Em *Além do bem e do mal*, escrevia:

Que tortura são os livros escritos em alemão para aquele que possui o *terceiro* ouvido! Como se detém contrariado junto ao lento envolver desse pântano de sons sem harmonia, de ritmos que não dançam, que entre os alemães é chamado de “livro”! E o alemão que *lê* livros! Como *lê* mal, de má vontade, preguiçosamente! Quantos alemães sabem, e de mesmos exigem saber, que existe *arte* em cada boa frase arte que deve ser percebida, se a frase quer ser entendida! Uma má compreensão do seu *tempo*, por exemplo: e a própria frase é mal-entendida! Não ter dúvidas quanto às sílabas ritmicamente decisivas, sentir como intencional e como atraente a quebra de uma simetria muito rigorosa, prestar ouvidos sutis e pacientes a todo *attacato*, todo *rubato*, atinar com o sentido da sequência de vogais e ditongos, e o modo rico e delicado como se podem colorir e variar de cor em sucessão: quem, entre os alemães que leem livros, estaria disposto a reconhecer tais deveres e exigências, e a escutar tamanha arte e intenção na linguagem?³⁶

³⁴ JANZ, P. *Friedrich Nietzsche: uma biografia*, Vol. I, p. 378.

³⁵ NIETZSCHE, F. *Ecce homo*, “Por que escrevo tão bons livros”, § 4.

³⁶ NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal*, § 246.

Assim, Nietzsche teria produzido um tipo de linguagem que, atravessada pela música, produz uma escrita filosófica que o permite sair daquela utilização mais banal e corriqueira da linguagem para criar verdadeiros blocos rítmicos que comunicam seu pensamento. O trabalho de Fernando Barros traz algumas considerações interessantes a este respeito. A primeira, consiste em formular que a importância da música, principalmente por conta de sua abertura para se aprender um manejo do tempo, não implica nenhuma uniformização do estilo. Ao contrário, a música é eleita como tal justamente porque oferece procedimentos de composição que guardam infinitas aberturas.

Nietzsche não pretende comunicar esse estado interno de tensão tal como um sujeito que, tomando-se a si próprio como um objeto entre outros, discorre intransitivamente sobre si mesmo, é que ele deve denegar a seu estilo procedimentos de caráter absolutamente conclusivo. Não é a escrita que, impondo homogeneidade e constância, irá reduzir e uniformizar as diversas disposições afetivas. São estas que, de diferentes modos e sob diferentes condições, irão impor o tempo de seu próprio efetivar, introduzindo, a ser assim, o múltiplo onde se estaria tentado a ver tão só o simples. E aqui intercede, com ainda mais veemência, a atenção para com os recursos musicais, já que a má compreensão destes também implica, grosso modo, um mal-entendimento respectivamente ao tempo incutido pelos próprios arranjos internos de tensão [...] Mas, se o ritmo de um pensamento caracteriza seu movimento, caberá ao *tempo* musical a tarefa de indicar sua velocidade. Indicar, pois, se o pensar posto em marcha pelos estados internos de tensão caminha, por assim dizer, num *presto*, *andante*, ou, quiçá, no compasso *lento*. Afinal, o mesmo *rubato* que, com grande liberdade rítmica, pode encurtar ou alongar sílabas, também pode, se executado sob um *tempo* demasiado rápido, literalmente, roubar o fôlego de pensamentos que requerem para si uma maior elasticidade e, por conseguinte, um andamento menos veloz.³⁷

Toda esta utilização, em Nietzsche, vai passar por dinamismos da escrita muito concretos e visíveis como, principalmente, o extraordinário regime de pontuação de seus textos. Como também escrevia Fernando Barros, incluindo um dito do próprio Nietzsche,

Mas, justamente porque de nada ajuda procurar abrigo junto à interioridade das representações difundidas pelo texto, espera-se do leitor a adoção de uma outra perspectiva frente aos movimentos de uma escrita conformada em ser tão-só linguagem de sinais. Ganha vigência, aqui, uma curiosa espécie de entrega: “*Um autor* deve sempre transmitir movimento à sua palavra. E eis aqui um leitor. Ele não percebe que eu o tenho em mira [...] Vírgulas, pontos de interrogação e de exclamação, o leitor deveria entregar seu corpo a eles e mostrar que o que está em movimento também movimenta. Ei-lo, então. Ele transformou-se inteiramente”.³⁸

³⁷ BARROS, F. M. *O pensamento musical de Nietzsche*, p. 102.

³⁸ *Ibidem*.

Se a arte do estilo de Nietzsche está destinada a comunicar um estado interior, este não deve ser entendido, pensamos, como algo homogêneo, interior a Nietzsche, que pudesse ser transmitido de modo claro e límpido ao leitor. O que quer expressar é algo que atravessa e constitui todo estado interior: a tensão própria que constitui cada estado. Eis porque é preciso dar movimento, ritmo e tempo para as palavras. O estado não pode ser comunicado como algo estático. O estado é, sempre, o estado de uma tensão, de um movimento. E essa tensão, em Nietzsche, poderia ser qualificada através das inúmeras imagens explosivas. É por isso que a estridente afirmação, presente em *Ecce Homo*, deve ser lida literalmente: “eu não sou um homem, sou dinamite”³⁹. A perspectiva humana, demasiada humana, é aquela em que supõe uma interioridade como o espaço delimitado onde habitam os sentimentos. Nietzsche, de outro modo, ao afirmar ser uma dinamite, está designando que é constituído por um conjunto de tensões, afetos e problemas em movimento. Comunicar tais tensões só pode se dar através de explosões e de bombas. Sua tarefa, sua filosofia, é aquela que destrói, que explode as rochas mais bem sedimentadas dos valores tomados como supremos. E, por outro lado, como afirmamos inúmeras vezes, tal destruição está a serviço de uma atividade de criação. A explosão, as bombas, também são efeitos luminosos que tornam claras ou, no mínimo, ajudam a vislumbrar possibilidades de vida até então tidas como inauditas. Não é a luz natural, a luz divina ou o sol, o Bem, que o filósofo enxerga ao sair da caverna. É uma luz, poderosa, indissociável da força, da tensão, de uma explosão.

Se retomarmos aqui a resenha de Widmann preparada para *Além do bem e do mal*, podemos perceber a atmosfera explosiva criada por Nietzsche e o impacto que ele causou em alguns de seus leitores. Já no título de sua resenha “O perigoso livro de Nietzsche”, encontramos o sentimento de Widmann diante deste escrito. Sua resenha começa com uma visão aterrorizante, que aproxima a filosofia de Nietzsche a uma carga explosiva, a um estoque de dinamite.

Aqueles estoques de dinamite usados para a construção do túnel de São Gotardo apresentavam etiqueta negra de advertência, que apontava para o perigo de morte.

É exclusivamente neste sentido que falamos do novo livro do filósofo Nietzsche como *livro perigoso*. Com essa designação não pretendemos expressar nenhum tipo de censura contra o autor e sua obra, tampouco quanto aquela etiqueta negra pretendia repreender os explosivos. Muito menos pretendemos, com nossa referência à explosividade do livro, entregar o pensamento solitário aos corvos dos púlpitos e altares. A dinamite espiritual, tanto quanto material, pode servir a uma obra muito útil; não é necessário dizer com toda clareza: Aqui há dinamite. Este propósito do título que demos à nossa crítica do novo livro de Friedrich Nietzsche.⁴⁰

³⁹ NIETZSCHE, F. *Ecce homo*, “Por que sou um destino”, § 1.

⁴⁰ JANZ, P. *Friedrich Nietzsche: uma biografia*, Vol. III, p. 193.

Widmann, ao criar esta imagem de *Além do bem e do mal* como um livro perigoso, explosivo, não queria, como ele diz, censurar seu autor. A indicação de que ali haveria dinamite não busca afastar os possíveis leitores. A advertência traz uma constatação das consequências trazidas pelo pensamento de Nietzsche. Não haveria a possibilidade de ler tal escrito e não sentir o abalo causado pelas dinamites lançadas sobre o solo da filosofia, da cultura ocidental e, em última instância, sobre sua própria existência. O perigo do livro, sua face mais maldosa, é que ele destrói tudo aquilo que se confiou até então nas bases das valorações, da oposição de valores metafísicos. Seu título já indica: *Além do bem e do mal*. Isto pode ser muito perigoso, mas, como aposta Widmann, pode ser muito “útil”, libertador. Toda obra, toda construção, toda criação carregam consigo um estoque de dinamite e Nietzsche soube imprimir isto em seus escritos de maneira inteiramente positiva.

Koselitz, um de seus colaboradores, também teria visto na obra de Nietzsche uma grandeza explosiva. E o incentivava a torná-la ainda mais explícita. Koselitz, quando recebeu as primeiras folhas para a correção daquilo que seria o *Crepúsculo dos ídolos*, fez uma objeção quanto ao título que Nietzsche até então pretendia dar àquela obra: Ócio de um psicólogo.

O título [...] me parece, quando imagino o efeito que terá sobre as pessoas, um tanto inofensivo: você transportou sua artilharia para o topo das mais altas montanhas, possui canhões jamais vistos e precisas apenas disparar cegamente para espalhar terror por toda parte. Os passos de um gigante não podem ser chamados de ócio.⁴¹

Peter Gast, ao receber as primeiras provas para correção, também identificou o título, até então pensado, como “muito desprezioso” se considerarmos o conteúdo belicoso que aquele escrito carregava. Ele sugere na carta de 20 de setembro de 1888 um novo título que, inclusive, foi atendido por Nietzsche. O título seria uma paródia de *Gotterdammerung* (“Crepúsculo dos deuses”), dado por Wagner a uma de suas óperas⁴². Nietzsche, na carta de 27 de setembro de 1888, responde a Peter Gast.

Caro amigo,
[...] Quanto ao título, sua benéfica objeção veio ao encontro do que eu mesmo pensava: por fim achei, entre as palavras do prólogo, a formulação que talvez também lhe satisfaça. Tenho de simplesmente aceitar o que você me diz sobre a “grande artilharia”, enquanto preparo o primeiro livro da *Transvaloração*. Ele realmente chega a horríveis detonações: não creio que em toda a literatura se ache, em matéria de som orquestral

⁴¹ Ibidem, p. 471.

⁴² Nota de Paulo César de Souza das cartas sobre o *Crepúsculo dos ídolos*, p. 136.

(incluindo troar de canhões), uma contrapartida a esse primeiro livro. - O novo título (que acarreta ligeiras mudanças em três ou quatro lugares) deve ser:

Crepúsculo dos ídolos

Ou:

Como se filósofa com o martelo

De

F.N⁴³

Mais tarde, em *Ecce homo*, Nietzsche afirmou ser este escrito de tão poucas páginas comparável a um demônio que ri - tamanha sua fatalidade e alegria. Ali, acrescenta, “nada existe de mais substancial, mais independente, mais demolidor – de mais malvado”⁴⁴. É possível identificar uma valorização, por parte do autor, do conteúdo explosivo de seus livros que não se limita ao *Crepúsculo dos ídolos*. Em uma carta a Peter Gast, ele diz que “*Ecce Homo* excede de tal maneira o conceito de literatura que mesmo na natureza, para dizer sinceramente, falta comparação: ele faz explodir a história da humanidade em duas - superlativo supremo da dinamite”⁴⁵.

O que acontece em *Ecce homo* é que, para além de um estilo direto e agressivo que percorre o texto, o conceito mesmo de literatura é explodido. Nietzsche explode o gênero da autobiografia. Ele deforma a autobiografia – e todos os clichês que ela supõe, como, por exemplo, aquele de um indivíduo que conta a história do seu eu. De todo modo, para além da agressividade como estilo, com a qual se alia para comunicar sua transvaloração, a agressividade também expressa uma postura, um modo de ser de todo grande filósofo, de tal forma que o próprio Nietzsche afirma: “De que modo entendo o filósofo, como um terrível corpo explosivo diante do qual tudo corre perigo”⁴⁶. Como vimos, a partir da leitura da terceira consideração intempestiva: *Schopenhauer como educador*, a potência da filosofia pode ser medida a partir de sua capacidade de agredir, afligir, isto é, também dinamitar, explodir, incendiar...

Que um americano lhes diga o que vem a significar um grande pensador que chega à terra como um novo centro de terríveis forças: “Atentais”, diz Emerson, “quando o grande Deus deixa vir um pensador sobre o nosso planeta. Todas as coisas, então, encontram-se em risco. É como quando um incêndio assola uma grande cidade e ninguém mais sabe o que é seguro ou onde ele terá fim. Não há nada na ciência que amanhã não possa sofrer uma inversão, não há nenhuma reputação literária, nem as assim chamadas celebridades eternas; [...]”⁴⁷

⁴³ Cartas sobre *Crepúsculo dos ídolos*. In. *Crepúsculo dos ídolos*, p. 137.

⁴⁴ NIETZSCHE, F. *Ecce homo*, “*Crepúsculo dos ídolos*”, § 1.

⁴⁵ JANZ.C, P. *Friedrich Nietzsche: uma biografia*, Vol. II, p. 391.

⁴⁶ NIETZSCHE, F. *Ecce homo*, “*As extemporâneas*”, § 3.

⁴⁷ NIETZSCHE, F. *Schopenhauer educador*, § 8.

A agressividade é vista por Nietzsche como uma característica tipológica do forte. Mais uma vez, é preciso lembrar: enquanto o fraco faz a agressividade retornar contra ele mesmo, o forte a libera, e faz dela uma afirmação de força e de vida. Neste sentido, Sarah Kofman, em *Explosion I*, diz que a guerra para o forte é uma necessidade na medida em que precisa reunir e superar as resistências: quanto maiores seus obstáculos, maior o seu triunfo, mais ele pode afirmar e sentir sua força na vitória. Segundo Kofman: “É por isto que o forte busca a resistência. Guiado novamente pela segurança de seus instintos, Nietzsche pode então anunciar esta lei tipológica: o *pathos* da agressividade é inerente ao forte como aquele da vingança ou do rancor é ao fraco.”⁴⁸

A figura do filósofo belicoso, a que Nietzsche se identifica, busca cada vez mais problemas que exigem um enfrentamento com os valores estabelecidos. A grandeza do filósofo está na sua capacidade de duelar com seus inimigos, de provocar o embate, a guerra.

Percebe-se que o afeto agressivo presente na escrita de Nietzsche não traz para sua obra nenhuma negatividade, nenhum pessimismo banalmente entendidos. Daí sua insistência em se colocar como um mensageiro alegre. Podemos dizer que o linguajar corrosivo por ele utilizado, enquanto recurso artístico, realiza uma nova maneira de estabelecer a crítica. É pelo viés da agressividade que se coloca um problema que o força a compor um pensamento que escapa dos clichês da própria filosofia que tende a criticar pela refutação. O estilo agressivo ao qual Nietzsche se alia dá conta deste embate sem que, com isso, ele tenha que entrar no jogo de disputa previamente estabelecido.

Os grandes homens, como as grandes épocas, são materiais explosivos em que se acha acumulada uma tremenda energia; seu pressuposto é sempre, histórica e fisiologicamente, que por um longo período se tenha juntado, poupado, reunido, preservado com vistas a eles – que por um longo período não tenha havido explosão. Se a tensão no interior da massa se tornou grande demais, o estímulo mais casual basta para trazer ao mundo o “gênio”, o ato, o “grande destino”. Que importa então o ambiente, a época, o “espírito da época”, a “opinião pública”? [...] A relação entre o gênio e sua época é como entre aquela entre o forte e fraco, ou velho e jovem: a época sempre é relativamente muito mais jovem, mais tênue, mais imatura, insegura, infantil.⁴⁹

Sobre a relação entre pensamento e destruição, Michel Foucault, ao falar sobre o seu trabalho, diz se identificar como um pirotécnico, como aquele que fabrica algo para a destruição, para a guerra. Não pelo simples fato de destruir, mas porque enxerga a necessidade de fazer passar algo que os muros impedem de seguir. Foucault acrescenta

⁴⁸ KOFMAN, S. *Explosion I*, p. 48.

⁴⁹ NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos ídolos*, “Incursões de um extemporâneo”, § 44.

que para ser pirotécnico, há de ser inicialmente geólogo: olhar o terreno, as dobras, as falhas, observar as edificações a maneira na qual foram plantadas e também saber tatear, experimentar.

Eu me interesso muito pelo trabalho que os historiadores fazem, mas quero fazer outro. [...] O que eu faço não é absolutamente uma filosofia. E também não é uma ciência cujas justificativas ou demonstrações temos o direito de exigir-lhe. Eu sou um pirotécnico. Fabrico alguma coisa que serve, finalmente, para um cerco, uma guerra, uma destruição. Não sou a favor da destruição, mas sou a favor de que se possa passar, de que se possa avançar, de que se possa fazer caírem os muros. Um pirotécnico é inicialmente um geólogo. Ele olha as camadas do terreno, as dobras, as falhas. O que é fácil cavar? O que vai resistir? Observa de que maneira as fortalezas estão implantadas. Perscruta os relevos que podem ser utilizados para esconder-se ou lançar-se de assalto. Uma vez tudo isto bem delimitado, resta o experimental, o tatear. Envia-se informes de reconhecimento, alocam-se vigias, mandam-se fazer relatórios. Defini-se, em seguida, a tática que será empregada.⁵⁰

Em outro ponto da entrevista, o entrevistador, Roger Pol-Droit, o questiona “Você realmente imaginou seu livro como uma bomba?” E a resposta não poderia ser mais encantadora: “Absolutamente! Eu imaginei este livro como uma espécie de sopro verdadeiramente material, e eu continuo o imaginando deste modo, uma espécie de sopro que faz explodir portas e janelas... Meu sonho seria que fosse um explosivo eficaz com uma bomba e alegre como fogos de artifício”⁵¹. Não poderíamos formular com mais precisão aquilo que queremos dizer acerca de Nietzsche: a eficácia de uma bomba e a alegria de fogos de artifício. Foucault, ao reforçar a dimensão alegre que a destruição carrega, se aproxima do gesto de Nietzsche quando se coloca como um mensageiro alegre mesmo quando anuncia sua tarefa de transvaloração de todos valores e todas as consequências a ela atreladas. E nenhuma passagem, talvez, possa ter um valor mais expressivo em relação a isso do que esta, de *Ecce Homo*, em que Nietzsche afirma:

Conheço a minha sina. Um dia, meu nome será ligado à lembrança de algo tremendo — de uma crise como jamais houve sobre a Terra, da mais profunda colisão de consciências, de uma decisão conjurada contra tudo o que até então foi acreditado, santificado, requerido. Eu não sou um homem, sou dinamite [...] Transvaloração de todos os valores: eis a minha fórmula para um ato de suprema autognose da humanidade, que em mim se fez gênio e carne. Minha sina quer que eu seja o primeiro homem decente, que eu me veja em oposição à mendacidade de milênios... Eu fui o primeiro a descobrir a verdade, ao sentir por primeiro a mentira como mentira — ao cheirar... Meu gênio está nas narinas... Eu contradigo como nunca foi contradito, e sou contudo o oposto de um espírito negador. Eu sou um mensageiro alegre, como nunca houve, eu

⁵⁰ FOUCAULT, M. Eu sou um pirotécnico: sobre o método e a trajetória de Michel Foucault. In: POL-DROIT, Roger *Michel Foucault: entrevistas*, p. 69.

⁵¹ *Ibidem*.

conheço tarefas de uma altura tal que até então inexistiu noção para elas, somente a partir de mim há novamente esperanças. Com tudo isso sou necessariamente também o homem da fatalidade. Pois quando a verdade sair em luta contra a mentira de milênios, teremos comoções, um espasmo de terremotos, um deslocamento de montes e vales como jamais foi sonhado.⁵²

A dinamite lançada por Nietzsche em estratos endurecidos por milênios, que pareciam inabaláveis, é, enfim, estremecido, rachado. É como se a Terra abrisse para novas forças que não podiam vir à tona, por um lado, e inteiramente novas, por outro. O que vai passar? O que, em certo sentido, já passou e continua a passar? Como fazer para passar novamente? Como fazer para que a abertura não se feche novamente? É justamente o eterno aquilo capaz de, vindo das profundezas dos montes e vales deslocados, dos buracos deixados pelos terremotos, das desestratificações dos mais duros solos, manter a abertura, os buracos, para novas forças. É o eterno retorno, como escrevia Nietzsche, “o mais abismal pensamento”⁵³.

Referências bibliográficas

- BARROS, F.M. *O pensamento musical de Nietzsche*. Perspectiva, 2017.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução de Antônio M. Magalhães. Rés Editora, 2001.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. São Paulo: Editora 34, 1996. vol.5.
- JANZ, Curt Paul. *Friedrich Nietzsche: uma biografia, vol. I, II e III*. Tradução de Markus A. Hediger. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- KOFMAN, Sarah. *Explosion I. De l'« Ecce Homo » de Nietzsche*. Éditions Galillée, 1992.
- FOUCAULT, Michel. *Eu sou um pirotécnico: sobre o método e a trajetória de Michel Foucault*. In: POL-DROIT, Roger (Ed.) Michel Foucault: entrevistas. São Paulo: Graal Ed., 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal*. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. *A Gaia Ciência*. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. *Crepúsculo dos Ídolos*. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

⁵² NIETZSCHE, F. *Ecce homo*, “Por que sou um destino”, § 1.

⁵³ Ibidem, “Assim falou Zarathustra”, § 6.

_____. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Tradução de Paulo César de Souza São Paulo: Companhia das letras, 2003.

_____. *Genealogia da Moral*. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____. *Terceira Consideração intempestiva: Schopenhauer educador*. In. Escritos sobre educação; tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: PUC-RIO; São Paulo: Loyola, 2003.

Recebido em 14/06/2022

Aprovado em 03/02/2023